

ENTREVISTA

MIGRAÇÕES: sujeitos, objetos e ideias em deslocamento, entrevista com o Prof. Dr. Tyrone Apollo Pontes Cândido¹

Recebida em: 21/07/2025.

Aceita em: 21/07/2025.

ESPACIALIDADES: Como o senhor compreende a relação entre o fenômeno da migração e a ideia de espaço? Em outros termos, quais são as implicações do movimento de pessoas, objetos e ideias na dimensão espacial em um mundo globalizado?

PROF. TYRONE: Migrar é uma experiência concretizada no espaço. Os deslocamentos migratórios conectam diferentes espacialidades num fluxo comum. As pessoas em deslocamento são personalidades cindidas, pois tornam-se *emigrantes* em relação a seu local de origem ao mesmo tempo em que se tornam *imigrantes* aonde vão. É uma condição incontornavelmente problemática. Como na maior parte das vezes as migrações envolvem trabalhadores pobres, a precariedade da vida em termos de moradia, alimentação, saúde e educação tornam-se sérios desafios aos que migram. Creio que isso vale tanto para os deslocamentos do campo para a cidade quanto para aqueles entre regiões de um mesmo país, ou ainda mais seriamente para os que procuram um país estrangeiro. Evidentemente essas são considerações generalizantes e cabe aos estudos históricos reconhecerem a complexidade desses fenômenos. Como historiador, tenho percebido a importância de entender os constantes arranjos (e desarranjos) dos migrantes, o que em geral envolve relações assimétricas entre pessoas diferenciadas por seus traços étnico-raciais, por suas religiões e seus costumes, sendo homens, mulheres e crianças. Não basta identificarmos os fatores de atração e de repulsão. Precisamos compreender como as políticas dominantes condicionam o

¹ Professor de História da UECE. Colaborador do PPG em História da UFC. Coordenador do Grupo de Estudo “História dos Sertões: Trabalho, Cultura e Sociedade” e colaborador do Grupo de Pesquisa “Seca, Cultura e Movimentos Sociais”. E-mail: tyronecandido@gmail.com

fenômeno migratório, definindo perfis desejados ou indesejados, segregando, mas também como as resistências são articuladas. Os recentes protestos ocorridos nos Estados Unidos contra a agressiva campanha de deportação de Donald Trump são uma evidência expressiva do quão explosiva tornou-se a questão migratória em nossa época. Milhões de pessoas por milhares de cidades num protesto que pode ser considerado o mais massivo de todos os tempos da história daquele país.

ESPACIALIDADES: Atualmente, a questão da migração se tornou um tópico de discussão para além do campo da História, sendo debatida na política, na economia e no campo da segurança dos estados-nações, muitas vezes trazida à tona a partir do conceito de “fronteira”, particularmente, nos países ocidentais da Europa e da América do Norte. No caso do Brasil é possível traçar uma trajetória sobre esse tema? O senhor pode comentar sobre os estudos consolidados sobre a migração e aqueles que estão sendo desenvolvidos em um maior número e o porquê dessa emergência.

PROF. DR. TYRONE: A ideia de um mundo globalizado é importante porque desperta nossa atenção para um tempo de grandes fluxos de capitais e mercadorias, de incrementos dos meios de comunicação e transporte, de intercâmbio de populações que parecem encurtar distâncias geográficas e culturais. Porém, a globalização é uma realidade profundamente contraditória: o que parece ser uma ilimitada abertura à mobilidade entre países e regiões, impõe-se como uma realidade com severos controles à livre circulação de trabalhadores, selecionando determinadas categorias de migrantes de acordo com as demandas por força de trabalho nas regiões e países de destino, modificando a intensidade e a orientação dos fluxos migratórios. Há hoje uma evidente tendência dos estados-nações pelo fechamento de fronteiras, um sinal da profunda crise econômica em que vivemos, persistente desde 2008, mas também relacionada às severas mudanças ambientais e aos impactos das guerras. Uma das mais graves situações em nossos dias é aquela do povo palestino, submetido à invasão colonizadora e à limpeza étnica pela entidade sionista de Israel. Os palestinos tornaram-se refugiados em seu próprio país, como no Brasil os povos indígenas também o foram e continuam sendo ainda hoje.

Como a formação histórica do Brasil foi marcada por grandes migrações, muitos estudos sobre esse assunto desenvolveram-se nos diversos campos das Ciências Humanas. Em seus traços gerais, englobam a imigração atlântica de europeus e africanos associada à colonização e à escravidão, a imigração de trabalhadores europeus, asiáticos, caribenhos, latino-americanos e mesmo norte-americanos nos arranjos de trabalho relacionados ao declínio do regime escravista e a formação de um mercado de trabalho livre, a migração intrarregional e continental em suas diversas direções e temporalidades. Estou longe de ser capaz de sintetizar o conjunto desses estudos, mas posso falar sobre as características que mais me chamam a atenção. Primeiramente, a grande complexidade do fenômeno migratório exige a disposição à interdisciplinaridade. A historiografia precisa se haver com os estudos econômicos, sociológicos, antropológicos, geográficos, artístico-literários, dentre outros que também se voltam para as migrações, sem os quais historiadores e historiadoras restringiriam suas abordagens, perdendo a chance de aprender com uma riquíssima produção de conhecimento. Em segundo lugar, chamo atenção para a disparidade entre pesquisas relacionadas aos diferentes fluxos migratórios. Estando os centros de excelência universitários concentrados nas regiões Sudeste e Sul, predomina o interesse pelas investigações sobre os grupos migratórios que envolveram aquela espacialidade (italianos, portugueses e alemães em primeiro plano, africanos em seguida). Mas a própria circulação migratória é um fator que pressiona pela ampliação do olhar e a expansão universitária (incluindo a interiorização) também colabora nesse mesmo sentido. Como entender o Brasil sem considerar a presença de nordestinos no Sudeste ou na Amazônia? Por fim, devo frisar como a historiografia sobre as migrações é multifacetada. O leque se abre das análises econômicas, que revelam como se configuram as regiões, aos estudos sobre a formação de comunidades imigrantes. Envolve também a história das políticas migratórias fomentadas pelos governantes e os dispositivos de agenciamento dos migrantes (companhias de navegação, hospedarias, contratos de trabalho, núcleos coloniais, campos de concentração). Temos também os estudos sobre a propaganda migratória e a construção de imaginários associados aos perfis idealizados de migrantes. Estudos relacionados a gênero e raça aprofundam as abordagens em relação às experiências

migratórias, assim como quando se trata da infância, da velhice e da vida familiar. Levantamentos quantitativos combinam-se à metodologia da história oral, assim como à pesquisa com fotografias, cartas e a abordagem micro-histórica.

ESPACIALIDADES: Retomando de forma mais particular o objeto de estudo que o senhor desenvolveu na pesquisa de doutorado, os “proletários das secas” no Brasil no contexto da passagem do século XIX ao XX, e relacionando-o a nossa conjuntura hodierna, como o senhor compreende os sujeitos agentes da migração? Quais identidades surgem a partir desse movimento humano?

PROF. DR. TYRONE: Pesquisando sobre a inserção de retirantes do território semiárido brasileiro nas políticas de socorros públicos (como trabalhadores de construção de ferrovias, estradas, açudes e outras obras), pude mesmo perceber muitos aspectos dessa experiência peculiar durante as secas da passagem do século XIX ao século XX. Ainda que a migração de cearenses para diversas paragens anteceda 1877, é a partir da grande seca ocorrida nesse ano que notamos a existência de um proletariado das secas circulando em massa por diversas regiões do Brasil. É notório como não podemos separar a condição de “migrante” da de “trabalhador” quando tratamos dessa fração de classe. Afinal de contas, a intensa movimentação das famílias retirantes em busca de alternativas de sobrevivência condicionava a própria política implementada por engenheiros, administradores e governantes. E foi para lidar com esse proletariado móvel que surgiu aquilo que ficou conhecido como a “engenharia das secas”, uma espécie de engenharia social que esteve na base da formação de instituições como a Inspetoria de Obras Contra as Secas (a IOCS de 1909), depois transformada em IFOCS (em 1919), finalmente DNOCS (de 1945 até hoje). Na longa história da relação entre essas agências (além de outras, como o Banco do Nordeste e a Sudene) e as composições de famílias camponesas do território das secas observamos como o Estado foi mediador ativo e favorável à classe latifundiária, ao implementar políticas públicas de amplo alcance que invariavelmente resultaram numa modernização conservadora, alterando a paisagem sertaneja do Nordeste, mas mantendo a estrutura fundiária garantidora do domínio de classe. Os retirantes das secas foram sujeitos ativos durante todo esse percurso histórico, forjando sua

resistência nos abarracamentos, nas pagadorias, nos canteiros de obras, nas hospedarias, nas embarcações... De uma experiência acumulada a cada tempo de estiagem prolongada surgiu a consciência da relação entre as secas e a estrutura latifundiária, a denúncia à chamada “indústria da seca”, o ditado popular que diz que “o problema não é a seca, é a cerca”. Em tempos mais recentes, o debate incluiu a concentração da água enquanto um problema tão sério quanto o da concentração da terra. Mas todas as transformações ocorridas no sertão das secas nas últimas décadas não chegaram a alterar estruturalmente o drama vivido pelas famílias de trabalhadores rurais.

ESPACIALIDADES: O senhor estudou em sua tese as migrações a partir de uma perspectiva marxista, o que é algo muito singular nos estudos a respeito do nordeste. Como o senhor vê a diminuição de estudos marxistas nas universidades e um aumento em outros fóruns de discussões dessa perspectiva? Existe alguma consequência prática?

PROF. DR. TYRONE: Infelizmente vivemos um tempo de renúncia à reflexão radical, de refluxo da imaginação ativa por uma transformação radical da sociedade capitalista. A disposição de adequação à ordem alcança hoje praticamente todos os campos e setores das universidades, com poucas e honrosas exceções. Parece-me que a diminuição de estudos marxistas é apenas um sintoma desse deslocamento mais amplo. A despeito de todos os avanços institucionais que possam ser apontados, temos uma universidade ainda mais encastelada em seus próprios ritos burocráticos, mais distante daquela dinâmica de vida que pulsa lá fora. Consequência evidente desse processo é a restrição do conhecimento universitário à tarefa de formação de profissionais para o mercado de trabalho e ao desenvolvimento de tecnologias favoráveis à produção capitalista, quando deveríamos ter esse conhecimento voltado para a defesa da sociedade em relação às diversas formas de violência de Estado e às forças capitalistas exploratórias e destrutivas. Evidentemente, num quadro como esse, o radicalismo de pensamento perde espaço em favor do discurso de conveniência e dos projetos de colaboração com o sistema social dominante. De fato, os estudos críticos, como os marxistas, deslocam-se para outros

fóruns que podem até ser mais difusos, como é tão comum hoje nos ambientes de internet, mas resta o prejuízo porque seria na universidade que teríamos um espaço mais adequadamente voltado à perspectiva universal e ao debate franco e corajoso. Apesar de ser bastante amplo o alcance dos fóruns de internet, ainda assim são limitados quanto a seu poder de formação de consciência crítica.

ESPACIALIDADES: Nas ciências humanas, de maneira geral, estudos relacionados a gênero e raça passam a ganhar espaço nos debates acadêmicos. Contudo, algumas abordagens dentro desses estudos passam a desconsiderar o aparato teórico marxista, levando a afirmações de que “não devemos estudar tanto Marx, pois ele é hetero, branco, europeu, cis”. Como o senhor analisa essa questão? Afinal, como relacionar gênero, raça e classe de maneira a introduzir novas discussões sem cair em uma visão científica neoliberal de aprofundamento das desigualdades?

PROF. DR. TYRONE: Os estudos relacionados a gênero e raça são fundamentais para a construção de uma “história de todos”, como pensava o historiador catalão Josep Fontana. Não vejo por que em favor disso se deva desconsiderar o aparato teórico marxista quando já se mostrou tão fértil na produção historiográfica. Decerto, Marx e o marxismo possuem historicidade própria, limites, e não devem ser encarados como uma doutrina incontestável. É mesmo espantoso como Marx foi colonialista nas considerações que fez sobre o domínio britânico na Índia, e podemos ainda lembrar de certas posturas patriarcais constrangedoras que adotou na vida familiar, mas não devemos nos esquecer da grande envergadura de seu pensamento expresso num conjunto vastíssimo de obras. Além disso, Marx muitas vezes repensou suas concepções. Por exemplo, nas cartas à Vera Zasulich sobre o processo revolucionário na Rússia ou nos seus cadernos etnográficos: em sua velhice Marx abria-se a um reconhecimento da alteridade dos povos não-europeus. E o livro *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, escrito por Engels após a morte de Marx, no que pese certos problemas internos, foi uma importante afirmação da condição e causa femininas na discussão do socialismo científico. Falar de Marx como “hetero, branco, europeu, cis” me parece um tanto caricatural, pois estamos falando de alguém que adotou postura revolucionária durante grande parte de sua vida,

recusando-se a se calar diante dos mandatários da Europa Restauracionista, pelo que teve de amargar uma vida de pobreza no exílio em Londres.

Mas é compreensível o incômodo provocado por pensadores radicais como Marx, pois desafiam seriamente a manufatura do consenso neoliberal. Vivemos numa época de individualismo e competição extremada, de declínio de projetos utópicos coletivos, daí uma tendência das posições críticas parciais e moderadas a se adequarem a um estreito horizonte político liberal. Algumas abordagens sobre gênero e raça estão enquadradas nas armadilhas das disputas identitárias estimuladas pelo neoliberalismo que fala muito em liberdade, mas fecha os olhos às contradições sistêmicas. Para mim, isso não se confunde com o papel imprescindível das lutas feminista e antirracista, ou dos estudos sobre gênero e raça. É nossa tarefa intelectual e historiográfica relacionarmos gênero, raça e classe numa perspectiva emancipatória, na qual a liberdade de todo ser humano seja condição para a liberdade de qualquer indivíduo.

ESPACIALIDADES: O senhor analisou em sua tese a formação da classe trabalhadora nas políticas de combate às secas a partir, principalmente, do conceito de “experiência”, de Edward Palmer Thompson. Como o senhor analisa os desafios da classe trabalhadora brasileira dentro de um meio técnico-científico-informacional a partir do surgimento de novas relações de trabalho? Esse autor, na sua visão, ainda se faz relevante para compreender as relações de trabalho do período atual?

Creio que a atualidade de Thompson apenas cresce diante das mudanças do mundo do trabalho em nossos dias. Em sua época, Thompson deparou-se com os tempos turbulentos da Guerra Fria e das crises do movimento comunista de onde provinha como ativista político. A estreita convivência com comunidades de trabalhadores industriais do Norte da Inglaterra o fez perceber a importância da experiência dos próprios trabalhadores nos desafios mais sérios da sociedade. Sua ruptura com o stalinismo o levou a se questionar acerca dos fundamentos mesmos da ação humana consciente: no lugar daquela concepção de uma classe operária que, na luta contra o capitalismo, depende de uma esclarecida direção da vanguarda partidária, Thompson destacou os valores criativos da própria experiência da classe trabalhadora

capaz de oferecer os principais elementos necessários para seus projetos emancipatórios. Tudo isso contribuiu para construir uma perspectiva alternativa aos esquematismos do marxismo ortodoxo de seu tempo, ampliando o horizonte de luta.

De lá para cá, muita coisa mudou. A debacle da União Soviética e dos regimes ditos socialistas, o avanço do neoliberalismo na direção dos estados-nações e profundas reestruturações produtivas conduziram nosso mundo à atual crise da globalização capitalista. A classe trabalhadora enfrenta hoje as duras condições impostas pela precarização das relações de trabalho. A própria identidade de classe encontra-se hoje desafiada, sobretudo porque os movimentos tradicionais dos trabalhadores, como os sindicalismos e os partidos de esquerda, não conseguem mobilizar e oferecer alternativas consistentes. Mas não vivemos o fim da história. Creio que o nosso desafio está em conseguirmos entender as novas formas que assume a luta de classes, num cenário de trabalho digital, desindustrialização, produção pós-fordista e de intenso deslocamento populacional. Por isso penso que é fundamental prestarmos conta com o que foram as Jornadas de Junho de 2013, a última grande onda de revolta e protesto vivida no Brasil, a maior de toda nossa história em vários sentidos, ao mesmo tempo que foi nosso último grande pico de movimentos grevistas. As Jornadas de Junho foram a expressão da emergência dessa nova classe trabalhadora que o sociólogo Ruy Braga chama de “precariado” que, afinal de contas, já é hoje uma grande parcela do conjunto da classe trabalhadora.

Nesse sentido, creio que a noção thompsoniana sobre o refazer-se da classe com base em suas próprias experiências adquire plena atualidade. Podemos bem relacionar o desmanche do operariado de tipo fordista em nossos dias àquela circunstância que Thompson encontrou na Inglaterra do século XVIII, num tempo em que não havia uma classe operária formada, mas os conflitos sociais existiam mesmo assim, como “lutas de classes sem classe”. Ou ainda, quando olhamos para as formas insurrecionais que assumem os protestos dos trabalhadores de hoje não podemos ignorar tudo o que Thompson escreveu sobre a “economia moral da multidão”.

ESPACIALIDADES: O início de dotação de uma infraestrutura moderna para parte do semiárido nordestino teve início nas famosas “comissões”, que se desdobraram, mais tarde, na Inspetoria de Obras Contra as Secas. Na sua opinião como o senhor analisa a IOCS e quais as reais consequências desta instituição?

PROF. DR. TYRONE: Considero a criação da IOCS como parte daquelas medidas de controle social acionadas pelo Estado desde a seca de 1877, tendo como finalidade conter a movimentação de retirantes com uma política de socorros públicos, buscando converter os sertanejos arruinados durante as secas “de mendigos em trabalhadores”. Antes da IOCS, fundada em 1909, as medidas de socorros das secas ficavam a cargo das chamadas “comissões de socorros públicos”, criadas em cada vila sertaneja e nas cidades para onde se dirigiam as multidões de retirantes. Com a organização de obras de maior porte e a recorrência de novas secas durante a passagem do século XIX ao XX, essas comissões especializaram-se e formaram instituições de mais largo alcance, como a Comissão de Açudes e Irrigação, criada já em 1903. Acompanhando os debates na imprensa daquela época podemos perceber clamores em busca de “soluções definitivas para o problema da seca”, pois a cada seca que se passava muitas obras eram abandonadas com a evasão de retirantes que retornavam para suas terras. Foi sob a alegação de se criar uma agência permanente que se encarregaria de elaborar projetos de construção de obras de combate às secas com base em estudos cientificamente conduzidos que a IOCS foi instaurada durante a presidência de Nilo Peçanha.

Algumas pesquisas têm ressaltado a mobilização de recursos institucionais que a IOCS representou, contratando um corpo altamente qualificado de técnicos sob a liderança de Miguel Arrojado Lisboa. De fato, muitos estudos foram realizados e publicados sob os auspícios daquela inspetoria, e nós podemos pesquisá-los em detalhes nos acervos documentais do DNOCS em suas diversas sedes. Trata-se de material riquíssimo na forma de relatórios, mapas, projetos de construção e outros tipos documentais. Sob a coordenação da IOCS (depois tornada IFOCS, em seguida DNOCS), inúmeras estradas, ferrovias, pontes, poços e açudes foram construídos pelo território semiárido, onde foram instituídos também centros de observação

climática, laboratórios e postos agrícolas. Podemos mesmo dizer que essas instituições transformaram a paisagem sertaneja nordestina ao longo do século XX. Mas ressalto mais uma vez que toda a modernização implantada não chegou a alterar estruturalmente as relações de propriedade sobre a terra que se constitui no principal fator de permanência das crises que as secas representam.

ESPACIALIDADES: O período atual, da quarta revolução industrial, oferece novas possibilidades, mas também novos desafios para compreender um mundo cada vez mais complexo e com uma perda significativa da renda do trabalho. Em paralelo a essas questões, parece um período marcado por um revisionismo histórico e por uma complexidade de se lidar com a veracidade das fontes históricas. Como o senhor vê o avanço nas possibilidades criadas pelo avanço das IA's e o papel das ciências sociais nesse novo contexto?

PROF. DR. TYRONE: Não faço parte do coro dos otimistas em relação ao surgimento das inteligências artificiais (IAs) e reluto em classificar sua aparição como uma “revolução”. Pelo contrário, preocupa-me bastante a rápida adesão pelo público universitário porque, na prática, o que eu vejo com as IAs é uma perigosa substituição dos antigos recursos de aquisição de conhecimento. Nas universidades públicas, com suas sérias dificuldades de financiamento, vejo muitas pessoas recorrendo às IAs não como uma alternativa criativa, mas como um dos poucos recursos que restam quando não se tem condições adequadas para se fazer pesquisas qualificadas. Acresce o fato que é muito mais rápido a realização de um trabalho acadêmico feito com IA, o que é um outro atrativo. Mas os prejuízos são seríssimos. A despeito de sempre encontrarmos pessoas brilhantes na universidade, é evidente o retrocesso na capacidade de uma boa parcela dos estudantes que têm chegado ao ensino superior com menos experiência de leitura imersiva e escrita qualificada. Não devemos esquecer que vivemos num país com mais de 9 milhões de analfabetos, cerca de 5,3% das pessoas com mais de 15 anos. O analfabetismo funcional chega a quase um terço da população. As desigualdades de acesso aos recursos digitais acompanham a disparidade das realidades entre ricos e pobres. Se estudantes com acesso a computadores adequados podem fazer maravilhas com a IA, isso não acontece da

mesma maneira com quem não goza dessas mesmas condições. Na FECLESC (Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, campus da Universidade Estadual do Ceará em Quixadá, onde eu trabalho), muitos de meus alunos fazem seus trabalhos acadêmicos usando exclusivamente seus aparelhos celulares. Considero isso uma verdadeira tragédia. Outro aspecto importante a se levar em conta é o fato da IA oferecer respostas padronizadas segundo critérios (inclusive ideológicos) definidos por empresas privadas e mesmo interessadas na produção de determinados tipos de informação. Vejo isso como uma séria ameaça à imaginação crítica e criativa de que necessitamos.

Há ainda os impactos econômicos e ambientais relacionados à ampliação do uso das IAs. Quando observamos o que está por trás das consultas que fazemos aos sites de IA, uma realidade nada agradável se nos é apresentada. Para desenvolver os conteúdos oferecidos, as empresas de IAs exploram trabalhadores terceirizados que trabalham intensamente na moderação de conteúdos abusivos, ganhando muito pouco por longas horas de exposição a imagens e ideias que terminam lhes provocando adoecimento. Isso sem falar no desemprego em massa que o recurso da IA já promove em diversos setores onde estão substituindo o trabalho vivo de pessoas de carne e osso.

Quanto aos impactos ambientais, quase não nos atentamos quando fazemos nossas consultas de informação. Mas a demanda por IA tem consequências diretas nos territórios. Nos últimos tempos, o Brasil vem recebendo uma enxurrada de propostas para criação de data centers que são prédios que abrigam supercomputadores de *big techs*. Acontece que esses gigantescos aparelhos funcionam 24 horas por dia e consomem uma quantidade imensa de energia e água (necessária para esfriar os supercomputadores). Aqui mesmo no Ceará, na cidade de Caucaia, a segunda maior população do estado, está prevista a implantação de uma gigantesca infraestrutura para a Tiktok: um armazém do tamanho de doze campos de futebol. Não há transparência nas negociações dessa implantação e não se divulga o volume de água previsto para o funcionamento desse *data center*. Em 16 dos últimos 21 anos, essa mesma cidade de Caucaia declarou estado de emergência por estiagem e seca.